

## J.P. d'Oliveira Martins nas minas de Santa Eufémia (1870-1874)

*J.P. d'Oliveira Martins aux mines de Santa Eufémia (1870-1874)*

*J. P. d'Oliveira Martins in Santa Eufémia Mines (1870-1874)*

**Eloy Fernández Clemente**

---



### **Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2400>

DOI: 10.4000/lerhistoria.2400

ISSN: 2183-7791

### **Editora**

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

### **Edição impressa**

Data de publicação: 1 Maio 2008

Paginação: 135-162

ISSN: 0870-6182

### **Refêrencia eletrónica**

Eloy Fernández Clemente, « J.P. d'Oliveira Martins nas minas de Santa Eufémia (1870-1874) », *Ler História* [Online], 54 | 2008, posto online no dia 03 fevereiro 2017, consultado no dia 03 maio 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2400> ; DOI : 10.4000/lerhistoria.2400

---



*Ler História* está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

# J.P. d'Oliveira Martins nas minas de Santa Eufémia (1870-1874)

---

Eloy Fernández Clemente

## 1. Introdução

Joaquim Pedro de Oliveira Martins vê-se obrigado a procurar novo modo de vida a 3 de Agosto de 1870, devido à falência da empresa em cuja administração trabalhava, a Ellicott Abreu & C.<sup>a</sup>, dedicada ao comércio dos vinhos da Madeira, a qual entrara em liquidação após o falecimento, em 1869, de um dos sócios. Aceita então exercer funções de administrador de uma mina da portuguesa Companhia de Minas Fundação de Chumbo de Santa Eufémia e outros na andaluza província de Córdova, onde permanece até 1874. É uma aposta muito dura, mas necessária para ajudar a família<sup>1</sup>.

Com apenas 25 anos<sup>2</sup>, Oliveira Martins é um escritor bem relacionado com os mais ilustres nomes da literatura do seu País, tendo uma profunda admiração

---

■ ELOY FERNANDEZ CLEMENTE – Fac. Ciencias Economicas y Empresariales – Univ. Saragoça (Espanha)..

Este trabalho é uma primeira versão, muito resumida, de uma pesquisa que porventura demorará ainda muito mais tempo. Nela tive muitas amáveis ajudas: económica, do Conselho Assessor de Investigação do Governo de Aragão (CONAI-CAI); científica, de dúzias de colegas universitários, bibliotecários, etc., em Portugal e Espanha, cuja lista seria quase interminável. Na tradução, da Prof.<sup>a</sup> Doutora Magda Pinheiro. É básica a consulta do *Espólio de Oliveira Martins... e a cronologia aí constante* [Marinho (1995) e Maurício (1995)]. A maior parte das cartas a Oliveira Martins estão impressas em diversas edições, ou manuscritas na Biblioteca Nacional de Lisboa. Das suas biografias, a melhor é Martins (1986).

---

<sup>1</sup> Serrão (s.d.).

<sup>2</sup> Em carta a Ramalho Ortigão que o descrevera nesse ano de 1870 em dura caricatura responde-lhe: «Eu fui lisboeta, sim, escrevinhei dramas, cheguei a perpetrar versos, era magro, tinha a cabeça à banda - mas nunca tive escrofulas, nem algodão nos ouvidos, nem lenço de seda preta segurando a barba, e sobretudo já me lavava em água fria antes de ir para Espanha com Ellicott». Abreu (1940), pp. 204-205.

<sup>3</sup> Serrão (s.d.), p. 211.

por Alexandre Herculano (1810-1877), o grande mestre da novela histórica de temática medieval e autor duma *História de Portugal* (1846-1853, em 4 volumes) que ele procuraria superar. Desde 1870, faz também parte do «Cenáculo», grupo de intelectuais liderado desde o ano anterior por Antero de Quental, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Juntamente com Antero (o seu melhor amigo e confidente) e o líder socialista José Fontana, pertence ao grupo editor do jornal de tendência socialista *A República*, publicado de 11 de Maio a fins de Julho de 1870, quando «soçobrará por falta de leitores»<sup>3</sup>.

Aqui tentamos reconstruir a sua estadia em Espanha, por ser conhecida parcialmente e por vezes com erros, utilizando por isso principalmente fontes empresariais mineiras e correspondência.

## 2. A pesquisa geológica e a produção mineira em Portugal e Espanha

Em 1870 a pesquisa geológica e mineira está em franco desenvolvimento. Em Portugal beneficiara dos estudos do português José Bonifácio de Andrada e Silva<sup>4</sup> e do seu sucessor Carlos Ribeiro<sup>5</sup>, e realizara-se «segundo o sistema iniciado então no sentido de entregar as riquezas do subsolo à exploração particular, aliás na lógica do sistema capitalista, politicamente triunfante. É a partir de então que se intensifica o aproveitamento das reservas de galena e blenda»<sup>6</sup>. E, «tendo em conta o aumento da actividade mineira e a proliferação de situações de abuso e especulação, por intermédio de Decretos de 15 de Abril de 1862 e de 13 de Agosto de 1862, visou-se, tanto aperfeiçoar os mecanismos de indemnização dos proprietários de terrenos abrangidos – os quais passariam a receber uma percentagem do

---

<sup>4</sup> Nomeado em 1801 intendente de Minas e Metais do Reino, dirigiu trabalhos de pesquisa e lavra do ouro, prata, chumbo, ferro, carvão, reflectidos nas *Memórias* apresentadas à Academia Real das Ciências de Lisboa. Serrão (s.d.).

<sup>5</sup> Ribeiro (Lisboa, 1813-1882) escreveu as «Memorias» sobre as minas de chumbo dos concelhos de Idanha-a-Nova, e Sardoal (Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1859), e colaborara com Fontes Pereira de Melo em diversas tarefas; Delgado (1905). Foi precisamente em 1870 que a Associação dos Engenheiros Civis Portugueses iniciava a publicação da *Revista de Obras Publicas e Minas*.

<sup>6</sup> Em 31 de Dezembro de 1882 estavam concedidas 47 minas de chumbo..., in: Serrão (s.d.), vol. II, pp. 56-58, art. «Chumbo». Um relatório em três partes, da revista *La Minería* (Madrid, números. 109, 110 e 111, de Novembro e Dezembro de 1874), refere as leis, as principais minas (entre elas, de chumbo), e as jazidas em exploração: 48 em 1865 e 88 em 1872, o que não é um magro resultado.

valor obtido pela venda dos minérios ou concentrados produzidos –, como introduzir novas regras para a delimitação das áreas normais das concessões»<sup>7</sup>. Nesse contexto surgirá a lei das sociedades anónimas de 1865, confirmando os direitos de propriedade individual e colectiva.

Em 1852 tinha sido criada a Comissão Geológica de Portugal, sob a direcção de Carlos Ribeiro e Pereira da Costa. A sua missão era elaborar o mapa geológico de Portugal continental. Foi dissolvida em 1855, por desavenças entre os dois directores, embora Carlos Ribeiro tenha continuado até 1857, traçando um primeiro levantamento da geologia da região entre o Douro e o Tejo, sobre a carta militar inglesa compilada por James Wyld (escala 1:480.000), bem como um mapa geológico do Alentejo sobre um mapa de C. Bonnet, de 1852 (escala de 1:833.333). Ambos constituíram o primeiro alicerce do mapa geológico geral do país, servindo também para a elaboração do mapa geológico da Península Ibérica (escala de 1:500.000), publicado um pouco mais tarde, em 1864.

A antiga Comissão reconstituiu-se em 1857 como Comissão dos Trabalhos Geológicos do Reino ou Comissão Geológica do Reino, sob a direcção de Filipe Folque, que detecta uma imprecisão nos mapas topográficos existentes e promove o levantamento da Carta Corográfica geral do país, entre 1860 e 1865 (escala de 1:100 000). No mesmo período, Carlos Ribeiro e Nery Delgado fazem o levantamento geológico de várias folhas, na mesma escala de 1:100000. Dissolvida de novo a Comissão em 1868 e reconstituída em 1869 como 5.<sup>a</sup> Secção da Direcção dos trabalhos Geodésicos, Topográficos Hidrográficos e Geológicos do Reino, sendo de novo dirigida por Carlos Ribeiro e, após a sua morte em 1882, por Nery Delgado, que mantém o prestígio internacional dos serviços geológicos portugueses até à sua morte, em 1908.

Um facto relacionado e importante é o aparecimento em Lisboa, em 1875, do livro do engenheiro militar Gerard Pery, *Geografia e Estadística de Portugal e Colonias*, «minuciosa, sistematizada com cuidado mas essencialmente descritiva» (Ferreira, Gaspar e Medeiros – 1986). Em 1876, Carlos Ribeiro e Nery Delgado publicam já oficialmente o mapa geológico de Portugal, com a escala 1:500.000, a primeira tentativa de mapa geológico de síntese de todo o país. Este mapa foi desde logo revisto e completado por Nery Delgado e pelo geólogo suíço Paul Choffat, resultando numa nova versão publicada em 1899, documento chave para entender a constituição geológica do país durante muito tempo, pois apenas foi substituído em 1972.

---

<sup>7</sup> Nunes (2001-2002), pp. 421-464, p. 128.

Poucos anos mais tarde, a partir de 1876, foram publicados outros materiais, no contexto de um movimento coordenado a nível europeu com vista à elaboração de um mapa geológico da Europa, baseado na soma de mapas de países que, por sua vez, vão sendo elaborados a partir de estudos locais ou regionais. Em 1878 são criados os Congressos Internacionais de Geologia, com o objectivo de uniformizar conceitos e linguagem e de supervisionar o futuro mapa geológico da Europa. Também em Espanha foram publicados trabalhos regionais do mesmo teor, visando o futuro mapa geológico nacional (por exemplo, um muito próximo de Portugal: Egozcue, J. e Mallada, L. (1876) «Memoria geológico-minera de la Provincia de Cáceres», Mem. Comis. Mapa Geol. España, 4, pp. 1-368, Madrid)<sup>8</sup>.

A Geologia espanhola em 1866, quando morreu o iniciador da tradição geológica, Casiano de Prado y Valle (1797-1866)<sup>9</sup>, «brilhava alto e as suas publicações eram conhecidas, comentadas e aceites pelos mais conhecidos geólogos do mundo», como escreverá J. M. Ríos. Nesse clima destaca-se o geólogo Lucas Mallada (Huesca, 1841) que, após trabalhar em Almadén, Astúrias e Teruel, em 1870 é nomeado para a Comissão do *Mapa Geológico y Minero*.

Não será em vão, como escreve Albert Carreras: «em 1870 Espanha era a primeira produtora mundial de minério de chumbo, de manganês e de mercúrio, a segunda de zinco e a terceira de cobre; em 1900 detinha a liderança do mercúrio, era a segunda no chumbo, no manganês e no cobre e a quarta no zinco»<sup>10</sup>. Esta expansão deve-se ao impulso das leis liberalizadoras de 1868, surgidas, segundo Jordi Nadal, por forte pressão dos empréstimos do Tesouro, que leva a acrescentar as minas do Estado aos bens desamortizados ou em processo de o ser, especialmente as de Riotinto e Almadén, concedidas ambas em 1870, a primeira em leilão e a segunda prolongando por trinta anos a fabulosa concessão sobre o mercúrio

---

<sup>8</sup> Sobre o assunto, ver a entrada «Geologia», in: Barreto e Mónica (1999); Ferreira (1986); Lains e Silva (2005). Para este trabalho são de particular interesse os trabalhos de Paulo Guimarães. Guimarães (1999), Guimarães (2001), Guimarães (2002); Guimarães (2005). Também as fontes oficiais na internet: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/ciencia/p38.html>; e <http://egeo.ineti.pt/geociencias/edicoesonline/diversos/cartas/capitulo2.htm>

<sup>9</sup> Prado «não só melhorou a produção das minas de Almadén e de Riotinto, mas iniciou entre nós os estudos geológicos puros», com José Rodríguez González, discípulo de Werner e Haüye primer cristalógrafo espanhol, e os geólogos e paleontólogos Schutz, Mestre, Aldama, Ezquerria del Bayo, etc., comenzando em 1849 a Comisión do Mapa Geológico de Espanha, germen do Instituto Geológico, o seu *Boletín* e as *Memorias*. González Blasco (1979), pp. 78-79.

<sup>10</sup> Depois da Grande Guerra o protagonismo hispânico reduz-se ao mercúrio (2.º lugar) e ao chumbo (3.º lugar), conservando este até à actualidade. Carreras (2005), p. 372.

aos Rothschild, em troca de um empréstimo ao Governo provisório espanhol de 1.696.000 libras esterlinas (4.240.000 pesetas) a ser reembolsado nesse prazo com um juro de 8%.

A lei de bases de 4 de Março de 1868, que permitia a concessão perpétua das minas, e as tarifas livre-cambistas de 1869 facilitarão a exploração da riqueza mineira espanhola pela Inglaterra e pela França. A Lei de 29 de Dezembro desse ano explica que «as minas são de domínio público, porém são concedidas a quem as pedir, considerando-se este como proprietário delas, desde que pague um imposto ou foro anual por hectare (foro de superfície) ou não renuncie à concessão», seja a espanhóis ou estrangeiros, e os concessionários não têm a obrigação de explorá-las<sup>11</sup>.

A febre leva a explorar todo o tipo de minas, mas quando os trabalhos chegam a certa profundidade e aparecem as águas, a pequena empresa suspende-os, impotente. Substitui-se ao velho garimpeiro de minas o concessionário especulador que trespassa as suas reservas mineiras a estrangeiros, que dominam os processos técnicos mais avançados (máquinas a vapor, bombas de escoamento, electricidade):<sup>12</sup> «havemo-nos limitado a explorar as jazidas debaixo de directrizes técnica e económica estranhas; de fora vieram os preços, foram ingleses os homens de nossos minerais no mercado mundial; fomos, em suma, peças inertes na Mineração europeia daquele século ...[colocando] nossos minerais nas mãos de estrangeiros, como mais ricos e doutos, mais audazes...»<sup>13</sup>.

As concessões são na prática ilimitadas, abrindo «uma era inesperada e de esplendor para a indústria extractiva espanhola». Até 1913, adverte Nadal, «em menos de meio século, a lei de 1868 tinha colocado metade do subsolo explorado em mãos estrangeiras. A exploração das minas, ao contrário da dos campos, exigia elevados capitais de exploração, difíceis de reunir no grupo indígena»<sup>14</sup>.

O arranque do grande momento de investimento estrangeiro concretiza-se em finais de sessenta:<sup>15</sup> em 1866-1875 o investimento mineiro cresce e continua a

<sup>11</sup> Anes Álvarez (1970), p. 194.

<sup>12</sup> José María García de Miguel, *Itinerarios culturales relacionados con el Patrimonio histórico minero*. Dados recolhidos na internet. Em finais do século XIX alcançavam-se produções anuais de mais de 60.000 toneladas de cobre, mais de 2.000.000 de toneladas de pirite, mais de 13.000.000 de toneladas de ferro, etc., que na sua quase totalidade se exportavam para Europa.

<sup>13</sup> Novo e Ortega Gasset (1950), p. 148.

<sup>14</sup> Nadal (1975), pp. 87-105.

<sup>15</sup> Após a lei de sociedades, de 28 de Janeiro de 1856, tinham-se instalado em Espanha os grupos financeiros e industriais franceses Sociedade Geral de Crédito Mobiliário Espanhol, dos Pereire; Sociedade

crescer até cerca de 1882, quando é travado pela «crise económica internacional e pelas dificuldades em atender às despesas mais importantes e interesses invertidos»<sup>16</sup>. O fluxo de capitais para Espanha foi calculado por Broder, que adverte que os investimentos de 1851-1860 a 1861-1870 (338,9 e 609,9 milhões de francos) foram maioritariamente para os caminhos-de-ferro (85,1 e 92,5%). A grande modificação começa na década 1871-1880, quando 71,6% dos 488,1 milhões vão para sectores não-ferroviários, quase exclusivamente para as minas<sup>17</sup>. Por sua vez, as exportações anuais de Espanha para a Grã-Bretanha alcançam em 1871-1875 um milhão e meio de libras, o que representa 30% do total exportado para esse país<sup>18</sup>.

Em 1870 estão muito avançadas as linhas ferroviárias andaluzas, e a ligação Madrid-Lisboa realiza-se por Manzanares com Daimiel, Ciudad Real, o nó, ou Almadén, Badajoz e, por Estremoz a Lisboa. Esse é o caminho que Oliveira Martins vai seguir nas suas diversas viagens entre as minas e Lisboa. Em suma, Sardá calcula que em 1881 «la mayor parte de las inversiones ferroviarias y en funcionamiento los principales negocios mineros, pueden estimarse en 2000 millones de pesetas las inversiones extranjerias totales en dicho año»<sup>19</sup>.

### 3. A mineração e a metalurgia do chumbo

Já Pérez Domingo sublinhava em 1831 a grande utilidade do chumbo: «serve para fazer tubagens, para cobrir os telhados, fazer caixas e munições, e para muitos outros usos; entra na composição do estanho; emprega-se para vidrar os recipientes de barro e o seu óxido entra na composição dos vidros, cristais e esmaltes; na pintura, usa-se muito o branco de chumbo... Porém, o maior consumo

---

Mercantil e Industrial, dos Rothschild; e Companhia Geral de Crédito, dos Prost, relacionados com a linha de caminho-de-ferro de Madrid a Sevilha e Cádiz: os Rothschild no troço Madrid-Almansa, comprado a Salamanca; os Pereire com os Lafitte realizam o Córdova-Sevilha, e os Prost-Guillou o Sevilha-Cádiz. Apenas MZA introduz-se, também por compra a Salamanca, nas linhas Castillejo-Toledo, Alcázar de San Juan-Ciudad Real e Manzanares-Córdova. Anes Álvarez (1970), pp. 190-192.

<sup>16</sup> Martínez González-Tablas (1979), pp. 39-40.

<sup>17</sup> Citado por Chastagnaret (2000), p. 754.

<sup>18</sup> Chastagnaret (2000), p. 757. Segue a boa conjuntura internacional até 1877.

<sup>19</sup> Sardá (1948), pp. 273-275. Os ingleses fundam em 1866 a Tharsis Sulphur para a exploração das pirites de Huelva, e criam em 1873 a Orconera Iron Ore Co. Ltd. com as minas de Bilbao e Santander. Em 1875 são 22 as companhias britânicas interessadas no ferro, com um capital de quase três milhões de libras.

é nas fábricas de fundição e afinação do cobre e da prata»<sup>20</sup>. O seu valor provém da sua relativa escassez, encontrando-se raramente em estado natural, e é o mais resistente à corrosão; no entanto a sua exploração é fácil devido à sua existência em depósitos extensos<sup>21</sup>.

A contribuição espanhola para a produção mundial situou-se entre 1801 e 1920 na quarta parte do total, ocupando até 1870 o segundo lugar, logo a seguir à Grã-Bretanha, e até 1884 o primeiro lugar, para ficar atrás dos Estados Unidos até 1910. Assim, pode afirmar-se que «o chumbo antecipou o moderno ressurgimento da mineração espanhola», sobretudo a partir da transformação da pequena mineração e metalurgia em grandes e médias empresas de muito maior produtividade<sup>22</sup>.

Em 1864, a produção espanhola de chumbo alcançava 2.745.885 quintais, dos quais três quartas partes (2.046.093 Q.) na província de Múrcia, seguida à distância por Almería e Jaén (13 e 8%). A Córdova apenas corresponde 1,6% (44.515 Q.) do total. A crítica a este progresso seria que «foi à custa de produzir barato, com salários mínimos, quase sem maquinaria, muitas vezes com trabalho de rapina e esgotando as jazidas, como hoje sabemos demasiado bem. Com o nosso chumbo barato completou-se a industrialização da Europa».<sup>23</sup>

Os procedimentos mecânicos desenvolveram-se entre 1865 e 1870: «trabalhadas, na sua maioria, as minas por tornos e malacates movidos por cavalgaduras, e feito o desaguamento por cubas, começam as máquinas de vapor a mover esses malacates, o que há-de permitir reconhecer em profundidade e utilizar as zonas melhores das jazidas»<sup>24</sup>.

A província de Córdova, que «encerra numerosas minas de chumbo», não poderá iniciar um grande impulso industrial até que «toda a propriedade mineira esteja perfeitamente estabelecida sobre bases claras e definitivas, quando o vale se viu purgado por numerosos pequenos especuladores que desde há muito tempo infestam o país, neutralizando, à sombra da lei de minas, os esforços que fazem

---

<sup>20</sup> A. Pérez Domingo, cit. por Nadal (1975), p. 95.

<sup>21</sup> O seu principal uso será na indústria: acumuladores de chumbo, munições, cobertura de cabos, chumbo e blindagem, soldagem, recipientes para líquidos corrosivos, imprensa, produções para sais insolúveis, tinturas, impermeabilizantes, vernizes, medicina, insecticidas, explosivos... O chumbo e os seus compostos apresentam uma elevada toxicidade, pelo que algumas aplicações tradicionais, como o uso em condutas de água potável, serão abandonadas. Josep Miquel Valls Esteve, Curso *Conflictos y convergencias en el Mundo Actual*. Universidad de Barcelona. Consultado na Internet.

<sup>22</sup> Nadal (2003), pp.108-111.

<sup>23</sup> Novo e Ortega (1950), p. 150.

<sup>24</sup> González Llana (1949), p.19.



algumas companhias para fundar empresas sérias, impedindo que os grandes capitais venham fecundar estas riquezas».<sup>25</sup>

Acrescenta o informador: «os capitalistas espanhóis que até ao presente se ocuparam em negócios de minas empregaram sobretudo os seus capitais nas explorações metalúrgicas de chumbo ou de pratas, a maioria das vezes foram indignamente enganados e anteciparam fundos para minas imaginárias ou para trabalhos fictícios; do que resultou que em Espanha considera-se geralmente a indústria de minas como um embuste ou, quanto muito, como uma lotaria». Mas «se se formassem companhias sérias compostas por verdadeiros industriais para pôr em exploração as imensas riquezas que contém o subsolo de Espanha, realizariam importantes benefícios. Isto seria para os capitalistas espanhóis uma grande questão de interesse nacional e para os capitalistas franceses e belgas o meio mais seguro para salvar as imensas somas que investiram nos caminhos-de-ferro...»<sup>26</sup>.

Depois de 1865 entra-se na segunda etapa da mineração espanhola do chumbo, com clara perda da hegemonia do sudeste em favor da Serra Morena. Garrido explica esta deslocação «pela abertura em 1868 da linha ferroviária de Bélmez até Almorchón, e em 1873 do ramal Bélmez a Córdoba, que tinha um traçado mais curto» e abastece de carvão cordovés as minas e fábricas de chumbo de Jaén,<sup>27</sup> e devido à exploração das grandes minas de Linares-La Carolina<sup>28</sup>.

No quinquénio 1871-1875 as exportações de chumbo alcançam uma média de 87.374 t., das quais 57,5% para a Grã-Bretanha, 30,7% para a França, e 4,5%

<sup>25</sup> No tomo XVIII, de 1867, da *Revista Minera* de Madrid, p. 74. O redactor dessa nota, datada de Madrid, a 18 de Novembro de 1865, é L. Denis de Lagarde.

<sup>26</sup> A produção média por operário nas fundições espanholas é de 28,7 t. em 1867-1869, e apenas aumenta na década seguinte, para alcançar as 67 t. em 1888-1891. Chastagnaret (2000), p. 651.

<sup>27</sup> Garrido González (2001), pp. 58-60. Para este autor «el predominio del plomo en el sureste andaluz casi fue absoluto al menos hasta 1868... una minería autóctona, con apenas intentos de aplicar tecnología extranjera, y cuando los hubo normalmente resultaron fallidos... El problema consistió en que el florecimiento de esta riqueza, simultáneamente, no generó un despegue económico definitivo» devido à escassa acumulação de capital, o minifundismo mineiro e o insuficiente espírito de empresa. Na sua maioria são empresas inglesas (as Casas Sopwith e Taylor, os Três amigos de Reding) e os Bonaplata. (González Llana (1949), p.18); a criação em 1870 da Minería Española e a alemã Stolberg-Westphalie, e em 1873 a francesa «Mines de Villagutiérrez». Chastagnaret (2000), pp. 538-539.

<sup>28</sup> Nos anos 80, o chumbo de Jaén e Cartagena foi explorado por capitalistas franceses: em 1881 fundam-se a Compagnie d'Agüiles e a Société Minière et Métallurgique de Peñarroya, com as minas de Bélmez e Puertollano. Anes Álvarez (1970), pp. 194-196. Em fins da década acrescentam-se novas sociedades: Los Guindos, El Centenillo e as grandes fundições de La Tortilla, La Cruz, San Luis, Santa Lucía e Portmán, impulsionadas pelos Figueroa, Zapata, Maestre y Rubio. «Ahora la minería del plomo se halla en plena revisión de macizos vírgenes y escombreras ricas». Novo e Ortega (1950), p. 152.

para os Estados Unidos<sup>29</sup>. Ao lado de meia centena de empresas britânicas, mais de trinta francesas, uma vintena de belgas e duas alemãs, encontramos duas explorações portuguesas, se bem que de escassa importância relativa. No começo do século XX, quando a propriedade de Santa Eufémia já fora transferida, a única empresa mineira portuguesa em Espanha será a Companhia Portuguesa das Minas Marialina, com 738.504 pesetas de capital<sup>30</sup>.

#### 4. Santa Eufémia<sup>31</sup>

Santa Eufémia é a povoação mais ao norte da província de Córdoba, a 98 km da capital e a 30 km das célebres minas de mercúrio de Almadén, com rica história medieval (cabeça dum poderoso condado) e moderna (lutas anti-senhoriais) evocadas pela muralha do Castelo de Miramontes, a singular igreja gótico-mudejar da Encarnação, a porta da Vila, a ermida da Santa, a irmandade. A 561 metros acima do nível do mar, entre as serras de Alcudia e os Pedroches, nos seus bosques e umbras (sobreiros, azinheiras e zambujeiros, matos de esteva, carrasqueiro, giesta, aroeira, cornicabra e zimbro) abunda a caça (águia-real e abutre) e no rio Guadalmez, as lontras. Festas, romarias e uma forte e saborosa gastronomia animam a vida rural.

Há quase vinte anos, escreveu o escritor António José Saraiva, que parece aí ter ido: «Santa Eufémia é hoje uma aldeia silenciosa e pobre nas falhas da serra Morena. No centro há uma igreja românica de tijolo maciço. O largo da igreja é ladeado por umas casas caiadas de branco sujo cobrindo cantaria de granito e de adobe como na Beira Baixa... Em direcção ao vale, oliveiras e sobreiros. Ao longe, chaminés apagadas atestam uma actividade mineira já extinta»<sup>32</sup>.

---

<sup>29</sup> Chastagnaret (2000), p. 403.

<sup>30</sup> Em 1913 as 370 sociedades mineiras de capital conhecido alcançam 1229 milhões de pesetas, repartidos quase por igual entre as 232 espanholas e as 138 estrangeiras (o que mostra a maior potência relativa destas). As empresas espanholas controlam 51,6% do capital total, sendo o restante controlado pelas britânicas (25,3 %), francesas (12,3 %), belgas (8 %), alemãs e suíças. Há 194 empresas de capital desconhecido, das que 167 espanholas e 27 estrangeiras: 12 britânicas, 9 francesas, 2 belgas, 2 alemãs e 2 portuguesas. Nadal (1975), pp. 87-105.

<sup>31</sup> Resumo várias informações oferecidas na Internet «Santa Eufemia, Balcón de los Pedroches», por Juan Carlos Valverde Romero e outros; artigo de Bueno (2002). Ver também as Comunicações nas Sessões Científicas da Sociedade Geológica Española [Madrid 1987] por García-Casco e Pascual (1987), pp. 56-59; e García-Casco, Pascual e Castro (1987), pp. 59-61.

<sup>32</sup> Saraiva (1990), p. 29.

Desde a época romana existiram pequenas explorações de cobre, antimónio e volfrâmio. O seu término está semeado de ruínas das minas de Blanzona, Jotilla, San Cosme, as «Minas Viejas» e as «Minas Abandonadas» que ocupavam a zona, Cerro das Palomas, Solana da Canaleja e Mesas do Corvo, sendo as últimas as que Oliveira Martins dirigiu. As minas de chumbo, situadas a 5 km, a norte da povoação, foram exploradas em quatro poços principais: *Oriente*, com 176 metros de profundidade, *Saavedra*, com 126 metros, da *República*, com 50 metros e *Central*, com 143 metros, e ainda outros menores, em mais de 2000 metros de poços. A galena argentífera tem 2500 gramas de prata por tonelada, e é acompanhada de marcassite, pirite, calcopirite e esfalerite, com ganga de quartzo e dolomite. A abundância de minerais secundários de chumbo, tipo piromorfite, bournonite e cerusite, faz dos seus depósitos de entulho um lugar interessante para colecionadores de minerais.

A exploração contemporânea começa em 1840, quando surgem algumas iniciativas. Mas o definitivo início terá lugar a 20 de Julho de 1866: o *Boletim Oficial* da Província de Córdova informa que «Francisco Lobo solicita um título mineiro denominado *Resuperferolítica*, na localidade de Santa Eufémia..., desmontado na superfície em três filões de chumbo que correm juntos ao longo de 1600 metros». Nesse mesmo ano citam-se pela primeira vez nas estatísticas da província sete escoriais de chumbo, com 59 operários, que produzem 34.286 quintais. Em 1867 a produção baixa: 5 escoriais com apenas 19 operários e 7097 Q. Há já uma «oficina de beneficio» (fábrica) de chumbo, com 3 operários que apenas fabricam 207 quintais (seguramente a partir de escórias) e outra fábrica de chumbo argentífero com 68 operários e uma máquina de vapor de 12 cavalos, que produz 5781 quintais<sup>33</sup>. Não sabemos quais os dados que correspondem à mina de Santa Eufémia, única na província em alguns anos, e sempre a principal na etapa portuguesa. Na fundição beneficiam-se os seus minerais e os de outros jazigos confinantes<sup>34</sup>.

O relatório de Córdova refere a «tenaz resistência que os industriais apresentam em facilitar os dados estadísticos e a falta absoluta de atribuições dos engenheiros chefes». E explica que «os trabalhos praticados nas minas de chumbo foram em pequeno número e com o exclusivo objecto de sustentar no povo algumas concessões. Em anos anteriores trabalharam com certa regularidade expor-

---

<sup>33</sup> *Estadística Minera de 1867*, Madrid, 1869, p. 37.

<sup>34</sup> Hernando Luna (1989), pp. 211-216.

tando pelo sistema de bancos e maciços de minério; porém depois deixaram-se arruinar as escavações e denunciaram pelos mesmos proprietários para conservar os direitos sem que estes lhes originassem gastos. No ano de 1867 limitaram-se ao estabelecimento de um ou outro poço ou galeria e à concentração da escória por lavados estabelecidos ao pé dos escoriais»<sup>35</sup>. Em 1868 continuam a trabalhar nessa província apenas 4 escoriais nos Pedroches e nenhuma mina, com 15 operários que produzem 6000 quintais; as fábricas são já 4 com 91 operários, e têm 2 máquinas de vapor com uma força total de 16 cavalos que produzem 52.328 Q<sup>36</sup>.

É o momento da chegada dos portugueses nos quais se integra, a 3 de Agosto, Oliveira Martins. Os amigos tentaram afastá-lo da ideia, considerando-a uma perigosa aventura. Augusto Soromenho escreve-lhe de Almada, já a 17 de Novembro de 1870: «Não quisera eu ser embaraço à sua vida. Agora, porém que V. aí está, devo dizer-lhe que as informações que meu tio de Córdova me dava acerca desse sitio eram péssimas. Sempre lhe ouvi dizer que Almaden era sazonal, fria, húmida, e que as sezões eram aí difíceis de tratar e curar sem mudança de terra. Ora V. não é forte; sua esposa ainda o é menos... Não sacrifique a saúde, e com ela a vida. V não ignora que as sezões de mau carácter deixam a saúde de tal modo abalada q. nunca mais é possível... Além disto, que V. me desculpará em nome do sentimento, há uma outra razão para voltar depressa a Portugal. É que a república está à porta (graças aos seus artigos) e V. é cá preciso p.<sup>a</sup> membro da junta de governo. Que votará»<sup>37</sup>.

## 5. A Companhia de Minas e Fundição

O arranque de exploração principia com o arrendamento das minas em 1869 à já citada empresa portuguesa Companhia de Minas e Fundição de Chumbo de Santa Eufemia e outros, que inicia os trabalhos modernos e a fundição local. Mas quem são esses arrendatários portugueses? Um, o inglês Henry Temple Ellicott, antigo sócio da Companhia Ellicott, Abreu & C.<sup>a</sup> («O engenheiro – escreve Oliveira Martins – é um rapaz de vinte e seis anos, filho da Escola de Paris, inglês e muito meu amigo, convidou-me para vir com ele»)<sup>38</sup>, «quem sabe das aptidões

<sup>35</sup> *Estadística Minera de 1867*, Madrid, 1869, pp. 60-61.

<sup>36</sup> *Estadística Minera de 1868*, Madrid, 1870, p. 31.

<sup>37</sup> Martins (1960), p. 49.

<sup>38</sup> Carta a T. Braga, cit. em, t. XIX da *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, p. 408.

profissionais e dos conhecimentos de engenharia, adquiridos pelo autodidactismo» de Oliveira Martins<sup>39</sup>. Sabemos alguns dados sobre Ellicott através da sua admissão, em 1870, na Associação dos Engenheiros Civis Portugueses: vive em Viana do Alentejo; em 1872 aporuguesou o seu nome para Henrique, e em 1875 continua a ser sócio<sup>40</sup>. Ainda em 1893 Ellicott, que vive então em Paris, e Oliveira Martins correspondem-se<sup>41</sup>. Oliveira Martins também teve uma relação de amizade com o director das minas, João Henrique Ulrich<sup>42</sup>, com quem, igualmente, haveria muitas coincidências posteriores<sup>43</sup>.

A empresa portuguesa «começa por explorar entulhos e recheios... desbastando escavações antigas... sem ter chegado a terreno firme». Ao encontrar uma galeria subterrânea de 600 metros de profundidade «acedeu-se a uma zona bem mineralizada... numa quantidade estimada de 30.000 t. de mineral». Nesse ano de 1869 aparece na *Estatística a Resuperferolítica* de Santa Eufémia, que «produziu 30.000 quintais métricos de carbonatos, cromatos, fosfatos e sulfureto de chumbo, que se beneficiam na fábrica construída para o efeito nas imediações da mesma.»<sup>44</sup>

Em 1870 continua a existir a mesma e única mina (e sete escoriais, em Villanueva del Duque e Posadas). No total há 93 operários e conseguem-se 40.050Q., dos quais correspondem à mina de Santa Eufémia 28.000Q. No que diz respeito às fábricas, há 4 activas, com 157 operários, 4 máquinas a vapor e 38

---

<sup>39</sup> Algumas conhecidas notícias sobre Oliveira Martins aparecem em «Oliveira Martins na primeira pessoa – O Homem e a Vida», na Internet, por Carlos Jaca, *Diário do Minho on line*, que dirige José Miguel Pereira [09/02/2005].

<sup>40</sup> *Revista de Obras Públicas e Minas*, t. I, Lisboa, 1870, p. 142.

<sup>41</sup> Martins (1926).

<sup>42</sup> J. H. Ulrich (Rio de Janeiro, 1851 – Lisboa, 1895) estudou no Liceu Nacional de Lisboa, e o curso preparatório dos oficiais de artilharia na Escola Politécnica, que não pôde concluir por ter adoecido gravemente. Percorreu Europa e o Brasil. Foi secretário e director da Sociedade de Geografia, director da Companhia Nacional de Tabacos, vice-governador da Companhia do Crédito Predial. Colaborou na *Revista de Portugal e Brasil* e também escreveu no *Dicionário Popular*, de Pinheiro Chagas. Manuel Amaral *Portugal Dicionário Histórico, Coreográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Volume VII, p. 242 da edição em papel por João Romano Torres Editor, Edição electrónica 2000-2003.

<sup>43</sup> João Henrique Ulrich possui 70 acções do Banco Nacional Ultramarino e em 1897 este possui na sua carteira de negócios 90 obrigações da Companhia de Minas de Chumbo de Santa Eufémia. (*Listas dos senhores accionistas do BNU*, Lisboa, 1864, *Relatório do BNU do ano de 1897. BNU, 1864-1914*. 1.º Quinquagenário. Lisboa, 1914.

<sup>44</sup> *Estatística Minera*, Madrid, 1871, pp. 15, 30 y 47.

cavalos de força total, produzindo 70.273Q. A fábrica de Santa Eufémia produz 5000 Q., transformação de 10.000 Q. de galena da sua mina<sup>45</sup>.

Em 1871, a mina continua solitária, embora a produção diminua para 8997 Q., «e não porque a jazida tivesse diminuído nem se trabalhasse com menos actividade, mas por efeito do difícil tratamento dos seus minerais, tive de suspender o seu funcionamento em vários períodos a fábrica de fundição Santa Eufémia onde se beneficiam, e não sendo preciso o arranque daqueles para a alimentar, se ocuparam os operários em continuar a desbasta escavações antigas até achar terreno firme e abrir outras novas precisas para sua ulterior exploração». No que respeita às jazidas, «os minerais que as constituem são fosfatos, carbonatos, sulfuretos e arseniats de chumbo, cujo tratamento é difícil nos fornos de vento forçado da classe dos usados em Cartagena, pela diferente temperatura que necessitam para sua redução os diversos compostos químicos citados, o que origina grandes perdas que não evita a pequena câmara de condensação». A laboração destes minerais tem sido o obstáculo em que têm tropeçado as diferentes companhias: «em 1871 estavam em serviço dois malacates e estavam empregados 69 operários na mina, número que no ano seguinte ascende até 193 e 240 no ano de 1874, que foi o máximo número de empregados em Santa Eufémia».<sup>46</sup>

Em 1872 a Companhia Santa Eufémia tem já duas minas, a *Resuperferolítica* e a *San Francisco*, que produzem 7590Q. Na sua fábrica fundem-se 12.925Q. produzindo 1562Q. de chumbo «que se exportaron a Inglaterra».<sup>47</sup> Os dados de 1873 falam de 3 minas na província, com 214 operários, uma máquina a vapor de 8 cavalos e uma produção conjunta de 16.042 Q. E duas fábricas, com 90 operários e 2 máquinas a vapor com 24 cavalos, que produzem 55.829 Q. de chumbo, dos quais 13.500 em Santa Eufémia. Em Santa Eufémia continuam registando novos jazigos de chumbo, dez dos 43 registados nesse ano. E «não é de estranhar que continue o movimento na comarca de Santa Eufémia, pois deve-se quase na totalidade aos registos feitos pela Companhia de Minas e Fundições. As duas minas que na localidade continuam em trabalhos tiveram um aumento nos seus produtos em relação a 1872 de cerca 68,64 por 100 [quer dizer, ascende a 12.800 Q.]; apesar disto, a Companhia aparece com perdas, sem dúvida por estar ainda num pe-

---

<sup>45</sup> *Estadística Minera*, Madrid, 1873, pp. 15, 28, 45, 46.

<sup>46</sup> *Estadística Minera*, Madrid, 1874, p. 46. Parecem exageradas os números que dá Oliveira Martins em 14 de Setembro de 1870, aliás declararam-se muitos menos: «Sou uma espécie de rei, entre os 300 ou 400 mineiros: foram-se todas as veleidades republicanas... aqui». Martins (1926), pp.1-2.

<sup>47</sup> *Estadística Minera*, Madrid, 1876, p. 38.

ríodo de instalação e serem muitos os gastos que origina, além disso não conseguiu resolver ainda de um modo satisfatório o problema do benefício dos seus minerais». O rendimento é baixo, já que «se fundiram 13.500 quintais métricos de mineral da mina Resuperferolítica, situada na localidade e pertencente ao mesmo proprietário, produzindo 4500 de chumbo, que pela estação de Almadén se transportaram para Lisboa».<sup>48</sup>

Enfim, em 1874, continuam as 3 minas, com 298 operários e 2 máquinas a vapor com 16 cavalos de força, que produzem 11.860Q., e 3 fábricas com 203 operários, 3 máquinas com 28 cavalos, e 51.720 Q. de chumbo fundido. Na fábrica de Santa Eufémia, uma das três activas na província, transformam-se 10.280 Q. das minas, que produzem 2570 de chumbo, empregando 115 operários<sup>49</sup>. Estes são, os dados relativos aos anos de gestão de Oliveira Martins<sup>50</sup>.

## 6. A vida quotidiana de Oliveira Martins em Santa Eufémia

Como era Oliveira Martins nesse tempo? «No seu rosto, rasgado a traços largos e francos, e em que a testa tinha a nitidez e serenidade da luz matutina, cintilavam os olhos verdes, da cor da lágrima, vagos e misteriosos. Nunca se viu homem mais triste tão sorridente, nem sorriso tão tristemente luminoso».<sup>51</sup> A sua

<sup>48</sup> *Estadística Minera*, Madrid, 1877, pp. 47 y 49.

<sup>49</sup> *Estadística Minera*, Madrid, 1879, pp. 15, 27, 47. Há uma grande actividade no sul, em Villanueva del Duque (minas Del Soldado e das Morras del Cuzna): «no se ven sino montones de tierras removidas... explotación llevada tan en grande escala» por uma nova sociedade que interrompe o trabalho ao se deparar com muita água subterrânea.

<sup>50</sup> Em 1875 continuam activas as minas Resuperferolítica e San Francisco e a fábrica. A zona cordovesa do noroeste converter-se-á numa das mais importantes minas de chumbo espanholas: «En 1884 os portugueses instalaram um pequeno tanque para 6t-7 t/dia e uma fundição onde não se desprateava o chumbo... Em 1888 os minerais se enviavam para fundir nas fábricas de Valsequillo, Puertollano e Fuente del Arco... Parece que a fundição de Santa Eufemia se deteve em 1887, após vinte anos de trabalhos... Em 1890... a companhia portuguesa deu-se a fazer com a propriedade das minas e tinha-as arrendadas a uma sociedade de Cartagena» (Cervantes, Corral y Cía) e em 1892 à Companhia Metalúrgica de Puerto de Mazarrón, que fundia em Cartagena, até que em 1895 terminam os trabalhos. É em 1908, quando Peñarroya compra as minas e tenta relançar a exploração com diversas pesquisas, para acumular a produção com a de Pueblo Nuevo-Peñarroya. Mas não teve êxito com as explorações e as terras que ocuparam as minas de Santa Eufémia hoje pertencem às Minas de Almadén e Arrayanes. *Estadística Minera*, diversos años; Bosque (1960) p. 318.

<sup>51</sup> Ayalla (1897), p. 32.

viúva recordaria: «Quando foi para Espanha era débil de saúde: ali se fortificou ao ar livre das montanhas e com uma vida metódica e regular em extremo. Mas foi aí também que contraiu as febres que depois o acompanharam sempre periodicamente o resto da vida».<sup>52</sup> Também, pouco depois de chegar, D. Vitória cai doente<sup>53</sup>. Foi sempre o seu maior apoio desde 1865, o ano em que casaram, ele com apenas 20 anos, ela algo mais velha<sup>54</sup>.

A descrição da paisagem leva-o a situar-se no «fundo da Serra-Morena onde agora estou»; ou na Mancha: «escrevo numa pousada, à luz duma candeia que talvez alumiasse D. Quichote! – lá fora soa um coro de guitarras e os rapazes dançam».<sup>55</sup> Possivelmente refere-se ao seu primeiro alojamento. A distância de 5 km ao povoado tornara necessário edificar não só a fábrica e outras instalações, como também a casa dos directores e barracões para os operários<sup>56</sup>.

Mas domina-o uma impressão moral: os seus pequenos fracassos – no trabalho, os políticos, nos seus escritos –, levam-no a legitimar esse afastamento. Descreve-se a Herculano como «um pobre rapaz» e considera que era preciso «afastar a vista de Portugal como de uma coisa putrefacta e pernicioso» (especialmente depois da Saldanhada) e, portanto, «fugi a essa terra perdida. Vivo aqui no meio das montanhas onde ganho o pão de cada dia com a liberdade de espírito que dá o deserto, e respiro este ar purificado onde não chegam as exalações pútridas que atrofiam a alma a quem nasceu com ela».<sup>57</sup>

Em carta a Teófilo (23-8-1870) diz-lhe: «Não é fácil de encontrar na carta o sítio onde me acho: é um deserto. Santa Eufémia é uma aldeola». E os mineiros «são toda a população, que habita em choças como os selvagens de África, mas que como selvagens tem tanto de ingénuo, de primitivo!»<sup>58</sup>

---

<sup>52</sup> Ayalla (1897), p. 33. A 14 de Setembro de 1870 escreve a António José Ennes (1848-1901) companheiro de estudos: «Ha muito devia ter-te escrito, mas muito trabalho primeiro, minha mulher doente depois, e por fim 10 dias de sezões, tiraram-me o lugar. Agora de mim vou bem, e com a aproximação do inverno tudo malhora».

<sup>53</sup> Martins (1926), p.1.

<sup>54</sup> Jaime Batalha Reis escreve: «foi este, julgo eu, o grande drama de toda a sua vida: a extrema admiração pelo culto e fecundo espirito de seu ilustre marido, e aprofunda mágoa de o ver, e em muitas partes da sua obra, transviar-se no que ela considerava perigosamente erros de doutrina», in: *Diário de Notícias*, 19 de Março de 1922, p. 1.

<sup>55</sup> Martins (1926), pp. 11-16.

<sup>56</sup> Assim aparecem numa fotografia em Figueiredo (1930), s.p., e seguem as ruínas, actualmente, de ambos lados da estrada e junto às entradas das minas.

<sup>57</sup> Martins (s.d.); Oliveira Martins (1970).

<sup>58</sup> Braga (1903), pp. 76-86.



A Teófilo Braga diz que ganhara «o sossego da sua consciência» com os trabalhos «maçadores e estúpidos» das minas... mas que «toda a minha ambição... é que no futuro se possa dizer: havia alguém que não era míope». <sup>59</sup> Para o qual «esta posição que me fiz – escreve – dá-me uma liberdade imensa para julgar a nossa terra e as nossas coisas; não imagina que perspectivas novas a minha nova vida me tem aberto para as nossas misérrimas coisas...». <sup>60</sup>

Mas nem tudo é ideal. Em Junho 1871, Oliveira Martins escreve a Batalha Reis: «mercenário por mercenário prefiro sê-lo aqui onde há ao menos uma certa liberdade relativa.» A Vilhena afirma com humildade: «não pretendo ser, nem que pretendesse podia sê-lo, jornalista nem deputado, nem ministro, penso assim e assim o digo com a maior candura». <sup>61</sup>

É sempre a recordação de Portugal. Ayalla escreve, a partir do depoimento de sua viúva: «A ausência da pátria e dos seus iam ao mesmo tempo avivando-lhe o patriotismo, tão natural em imaginações poéticas, e a saudade, tão portuguesa, o que concorria para acentuar o seu carácter com a gravidade e bonomia que lhe eram habituais». <sup>62</sup> Mas «as saudades de pátria, embora sinceras, não impediam que se sentisse feliz entregando-se com ardor a os trabalhos de administração da mina e fundição de metais, para que não tinha a menor preparação; mas que abraçou com aquela facilidade com que sempre tomava conhecimento com qualquer assunto novo. Nesse tempo, as horas do dia eram dedicadas às obrigações do seu cargo: era de noite que estudava e escrevia», recordaria a mulher <sup>63</sup>. O trabalho «era para ele uma febre; trabalhava para ganhar, trabalhava para se divertir e ainda por vício. Escrevo até cansar o pulso». <sup>64</sup> E o seu escritório «era um modelo de boa ordem».

Mas o muito trabalho não lhe impede desfrutar do ócio. Oliveira Martins era reservado, não era dado a divertimentos como o bilhar, o gamão ou os jogos de azar. «Entusiasma-o a vida ao ar livre, que o tonifica... Pelas horas de ócio... põe ao ombro uma espingarda biscainha e ei-lo, seguido de podengos, a embrenhar-se pela serra, farejando a caça. À noite, no Inverno, o quadro tem maior colorido – Oliveira Martins tostado pelo sol e barbado de tons ruivos, com o busto apruma-

---

<sup>59</sup> Cit. por Saraiva (1990), pp. 31-32.

<sup>60</sup> Cit. por Oliveira (1948), p. XVIII.

<sup>61</sup> Martins (1926), pp. 11-16.

<sup>62</sup> Ayalla (1897), pp. 25-26.

<sup>63</sup> Ayalla (1897), p.33.

<sup>64</sup> Martins (1926), p. IX.

do, defronte de um grande lume que arde na lareira, enquanto a Mulher costura, alarga o âmbito dos seus conhecimentos na leitura constante...»<sup>65</sup>.

Em carta a António Ennes faz uma descrição da paisagem: «Os campos viçam, rebenta a água por toda a parte. A água! A água é a grande animadora nestas regiões torradas de sol durante uns poucos de meses. Isto é uma serra, e nisto digo tudo. Sinto uma liberdade ampla de acção e de pensamento. Acho que vou dar em caçador. Há gamos, perdizes e javardos, por estes montes. Folgo de ter vindo aqui: oxalá eu assim pudesse ter comigo quantos desejara!»<sup>66</sup>.

Uma nova carta a Ennes (16 de Novembro, sem ano, mas provavelmente de 1870) explica: «tomei a resolução heróica de viver só para comer, e sentir alguma coisa semelhante, *a vita della bestia* do Machiavel. O trabalhar e elevar o espirito no convívio humano e existir dentro da Sociedade Culta é, quer-me parecer, impossível». Uma resignação que fará dizer a António Sérgio que Oliveira Martins «provavelmente perdeu toda a possibilidade de se polir e mundanizar».<sup>67</sup> E conclui: «Se não fazes ai nada, vem até cá. Asseguro-te que por um mês há-de distrair-te. A indústria em si que tem uma verdadeira poesia, nunca a senti como agora, a serra, os caracteres primitivos do povo e o sabor arabesco das povoações, valem a pena de serem (?) vistos. Economicamente se faz a jornada».<sup>68</sup>

## 7. O trabalho nas minas

Nem tudo são facilidades no trato pessoal: «Como era extremadamente reservado, raras vezes expansivo, tomando tudo a serio... os homens bons, mas mediocres instintivamente não lhe votavam simpatia: no entanto nada lhe inspirava tanta confiança e simpatia como os homens simples e francos». Uma vez que conhecesse a pessoa do seu trato, ninguém era mais franco, liso e sincero do que Oliveira Martins<sup>69</sup>. Mas, segue a viúva: «Sabia ser justo e severo quando necessário; por isso era tão amado como respeitado. Ai nessa mina, houve por vezes questões graves entre portugueses e espanhóis, chegando a haver lutas medonhas don-

---

<sup>65</sup> Martins (1960), , p. 50.

<sup>66</sup> Martins (1926) , pp.1-2. 14 de Setembro de 1870.

<sup>67</sup> Mendes (1947), p. 22.

<sup>68</sup> Martins (1926), pp. 3-6.

<sup>69</sup> Ayalla (1897), p. 29.

de alguns saíam muito feridos.»<sup>70</sup> É um dado misterioso e terrível, de que apenas temos esse enunciado: «Chegaram a chamar-lhe assassino! E não num sentido figurado, retórico: ele matara um homem, no fundo de uma dessas minas que administrara em Espanha».<sup>71</sup>

Mas todos os biógrafos coincidem: «Foi nesse centro de operários e trabalhadores que se lhe desenvolveu o grande amor que sempre teve pelas classes trabalhadoras, procurando melhorar-lhes a sorte».<sup>72</sup> É a ocasião do compromisso social: «o contacto com a classe desprotegida concorrera... para desenvolver o seu natural pendor pela caridade...»<sup>73</sup>. Sérgio diz que «exerceu sobre os operários uma acção educadora e filantrópica, que arrancou palavras de admiração aos menos benévols dos seus críticos».<sup>74</sup> Com efeito, «com o auxílio da mulher, funda uma escola para os filhos dos operários, o que representa algo de inédito naquelas paragens»:<sup>75</sup> «dedicar-se à missão altruísta de ensinar a ler os filhos dos mineiros e até os próprios mineiros analfabetos». E, recordaria a sua viúva: «Dava, dava muito. Juntava a uma generosidade pouco vulgar uma economia muito grande, porque consigo mesmo escrupulizava gastar demasiado».<sup>76</sup> «Mesmo assim, verificam a cada passo que não basta a recta intenção para que a justiça se realize, é antes necessário que se criem condições para uma nova organização social e económica».<sup>77</sup>

## 8. Os amigos e os livros e artigos

Pode imaginar-se a tensão em que vive Oliveira Martins em Espanha, longe dos amigos portugueses, pedindo-lhes continuamente informação sobre o que sucedia em Portugal (a sua frase constante é: «Escreve-me»), enviando cartas, arti-

---

<sup>70</sup> Ayalla (1897), p. 33. E não só por lutas. As condições de trabalho eram muito duras, mais de nove horas diárias. E a sinistralidade, alta: em 1871 há em Espanha 19 mortos em minas de chumbo (por desabamento, disparo de barreiros, inundação ou outras causas), 75 feridos graves e 116 leves. *Estadística Minera de 1871*, Madrid, 1974. Ver Dobado (1984).

<sup>71</sup> Oliveira (1948), p. LXXXV.

<sup>72</sup> Ayalla (1897), p.33.

<sup>73</sup> Ayalla (1897), pp. 25-26.

<sup>74</sup> Mendes (1947), p. 22.

<sup>75</sup> Martins (1999), p. 29.

<sup>76</sup> Dória (1981). Cita dados de Ayalla (1897), que os toma do depoimento da viúva de Oliveira Martins.

<sup>77</sup> Martins (1999), p. 29.

gos para a imprensa e revistas, livros; e solicitando-lhes livros, enviando-lhes os seus. As queixas pela falta de livros são frequentes: em carta de 1873 a Batalha Reis refere: «Eis aqui a nota dos livros que tenho, são poucos e pobres», mas pergunta se algum o pode servir.

As célebres Conferências Democráticas do Casino Lisbonense iniciaram-se a 22 de Maio de 1871, um mês após a Comuna de Paris, com substrato republicano, iberista e proudhoniano. Embora Oliveira Martins já esteja em Espanha, é um dos doze signatários das Conferências e foi anunciada uma conferência da sua autoria, que não chegou a ter lugar devido ao escândalo político entretanto ocorrido. Antero encabeçou um grande protesto e dias depois «acrescentaram as suas assinaturas os restantes organizadores, às que se juntou por telegrama Oliveira Martins, ausente em Santa Eufémia».<sup>78</sup>

Nessas circunstâncias, saber dos amigos é imprescindível. Da sua interessante correspondência destacamos a que mantém com o seu mestre, Alexandre Herculano, pedindo-lhe a sua opinião sobre os seus artigos e livros. Debatem muito, tanto sobre o socialismo como sobre muitos outros temas. Outros correspondentes são Jaime Batalha Reis; o seu companheiro de estudos no Liceu de Lisboa, António José Ennes «jornalista, dramaturgo, homem de Estado e colonialista»; Ramalho Ortigão; João Lobo de Moura, advogado do Banco Ultramarino, a quem escreve em Setembro de 1871 comentando a guerra franco-prusiana e outros assuntos, e perguntando pelo «estado social daí, se já teve tempo e ocasião de o observar...dê notícias suas e dos povos dessas regiões...»; ou Inocêncio Francisco da Silva, a quem acusa a recepção dos *Lusíadas* em 13 Fevereiro 1872; ou Thomaz de Carvalho, a quem escreve em Outubro de 1873. Eça de Queiroz viria mais tarde a manter uma correspondência assídua e interessantíssima com Oliveira Martins, mas nos anos 1872 e 1873 está muito longe, nas Américas. Mais azedas são as tormentosas polémicas com Teófilo Braga<sup>79</sup> e com Vilhena<sup>80</sup>, bem conhecidas entre os historiadores portugueses.

O principal correspondente e grande amigo («um rapaz sedutor, como nunca encontrei ou conheci», como refere) é Antero de Quental, que o visita, no Outono de 1870, em Santa Eufémia, encontro que provoca no poeta uma profunda impressão<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> Saraiva (1990), p. 48; Medina (1984).

<sup>79</sup> Vid. Braga (1903).

<sup>80</sup> Vid. Martins (1925).

<sup>81</sup> Antero escreve: «Se Portugal, nesta geração, tivesse tido forças para produzir oito ou dez homens como Oliveira Martins, não precisava de quem o salvasse...». *Carta a Carlos Cirino Machado*, 15 de Dezembro de 1881.

Anima sempre Oliveira Martins, faz-lhe críticas muito elogiosas, debatem sobre a grande preocupação (o socialismo e as suas diversas possibilidades organizativas) e partilha com ele a polémica com Teófilo em 1872. Pode imaginar-se o seu grande interesse quando Antero o convida para editar a *Revista Ocidental*, com ele e Jaime Batalha Reis, e com dupla redacção luso-espanhola, onde figuram os espanhóis Amador de los Ríos, Cánovas del Castillo, Rafael María de Labra, Patricio de la Escosura, Pi y Margall, J. Octavio Picón, Octavio de Toledo, Serafín Olave, Tristán Medina e outros. Dada a espera de vários anos para a publicar, é provável que Oliveira Martins tenha escrito já em Santa Eufémia os três importantes textos que veriam luz na *Revista Ocidental* em 1875: «Os povos peninsulares e a civilização moderna», «As portas da escola nova» e «Da moral religiosa entre os Gregos»<sup>82</sup>.

E os livros próprios. É um enigma como é que pôde, naquele ermo e solidão, ter capacidade para escrever tanto e estudar tão sistematicamente<sup>83</sup>. Nos anos de Espanha escreverá *Os Lusíadas. Ensaio sobre Camões e a sua Obra, em relação à Sociedade Portuguesa e ao Movimento da Renascença* (Porto, Imprensa, 1872) e lutará para procurar a sua edição<sup>84</sup>, que motivou uma larga polémica com Teófilo Braga sobre o moçarabismo. No prólogo à sua edição de *Camões*, de 1891, lembra as condições em que o escrevera: «achava-me fora de Portugal, isolado no meio das charnecas bravias da Mancha, quase sem mais livros do que as obras de Camões na edição da Biblioteca Portuguesa e um Virgílio por onde aprendera na escola». Lembra, autocrítico: «e, por sobre tudo isso, a temeridade própria dos anos, levaram-me a escrever um livro do que a obra de hoje é directamente filha... Estava inçado de erros, continha puerilidades...».

---

<sup>82</sup> Também, em 1874 «colabora em *Artes e Letras*, aí analisando em vasta reflexão teórica a ‘poesia revolucionária’ de Antero, Teófilo e Guerra Junqueiro». Machado (1996), p. 297.

<sup>83</sup> Em carta de 9 de Outubro de 1870 comunica a Teófilo que está «refundindo e coordenando» os seus estudos de direito e de economia social; e refere-se ao seu teatro – «pobre teatro, que nenhum palco admitiu». Oliveira (1948), p. XI.

<sup>84</sup> Oliveira Martins tratou de editar *Os Lusíadas* com a intermediação de Antero com Teófilo. Antero recordaria que «Oliveira Martins nada mais quer senão que lho publiquem, e 40 exemplares para si, dando-se pago com isto. Não há condições mais aceitáveis». Cartas, I, p. 143. Cit. em Saraiva (1990), p. 34.

## 9. O socialismo teórico...

Muito mais importantes são os seus dois livros sobre o socialismo: *Theoria do socialismo. Evolução e economia das sociedades na Europa* (Lisboa, Tip. Sousa e Silva, 1872), e *Portugal e o Socialismo. Exame Constitucional da Sociedade Portuguesa e a sua Reorganização pelo Socialismo* (Lisboa, Tip. Sousa Neves, 1873).

Retomando, quase no final da sua estadia espanhola, a sua breve vida intelectual, diz em carta a Herculano (8 de Outubro de 1873): «...escrevi um livro superficial sobre Camões, enchi algumas colunas de jornais, ora literato, ora publicista, ora crítico. Tudo isso anda cotado muito por baixo no balanço da minha apreciação...». Mas afirma: «estes dois livros socialistas marcam para mim um certo momento da minha vida: Tudo quanto os precedeu veio ali condensar-se...».

Oliveira Martins, sob uma forte influência de Proudhon (tinha sempre no seu gabinete de trabalho uma fotografia dele), pensa numa república social e federalista, à maneira da malograda em Espanha nesses anos<sup>85</sup>, mas prontamente passa a «crítico sagaz do republicanismo... e teórico do socialismo catedrático»<sup>86</sup>. Saraiva opina que Oliveira Martins, Antero e Eça «identificavam ‘socialismo’ com ‘democracia’, mas nenhum deles era democrata no sentido de favorável ao governo das maiorias».<sup>87</sup> Oliveira Martins conclui – e será muito contestado – que «o que está em causa não é o regime político, mas a criação de condições que garantam uma justiça social, que urge apressar através da revolução».<sup>88</sup>

Para um denotado especialista em Proudhon, «colhe-se assim, estudando Oliveira Martins, a curiosa sensação de que o mais socialista dos nossos socialistas foi, ao mesmo tempo, o menos socialista de todos eles... [Oliveira Martins] partiu dum inicial proudhonismo, todo moral, alheio afinal ao operariado – tanto como entidade mítica, como realidade fruste do escasso país industrial que tínhamos, com granjas e bancos, mas sem oficinas, como ele mesmo disse em fórmula justamente celebrizada –, marcado pela sangrenta derrota da Comuna de 1871 e pelo fatal refluxo da bandeira vermelha, internacionalista e operária».<sup>89</sup>

<sup>85</sup> Silva (1979), 1979. Oliveira Martins dizia sobre a Regeneração: «A Espanha teve Cartagena, a França teve ainda a Comuna de 71: nós tivemos umas greves apenas, por não possuímos suficiente indústria fabril». Francisco Trindade “*Anovis Anophelis*”, blog e site consultados em 13 de Novembro de 2005.

<sup>86</sup> «Figuras da Cultura Portuguesa» por Sérgio Campos Matos, consulta na internet.

<sup>87</sup> Saraiva (1990), p. 35.

<sup>88</sup> Cit. por Pires (1997), p. 17.

<sup>89</sup> Francisco Trindade “*Anovis Anophelis*”, *ibidem*.

José Luís Cardoso estabeleceu magistralmente a importância para o pensamento económico das duas obras socialistas de Oliveira Martins. Em *Teoria do Socialismo* «Obra fulcral para a compreensão do processo de formação e amadurecimento do seu pensamento social e político, procede a um balanço retrospectivo da evolução da economia política desde Quesnay até Proudhon, procurando identificar os contributos analíticos mas também os vícios interpretativos dos economistas liberais que melhor conhecia (Smith, Say, Malthus e Bastiat), e demonstrando as virtudes do projecto socialista contido nos autores que lhe mereciam maiores créditos (Sismondi, Saint-Simon, Fourier e, acima de todos, Proudhon». Para além disso, «nesta obra se desenvolve pela primeira vez uma argumentação contra o *laissez faire* e contra a doutrina de individualismo e de liberalismo económico que, com ligeiras diferenças ou adaptações, será regular e fiel acompanhante dos seus escritos».

Em *Portugal e o Socialismo*, destaca Cardoso «à crítica do sistema de livre concorrência, à identificação das áreas de intervenção e protecção do Estado para um adequado e justo funcionamento do mercado de trabalho (regulamentação do trabalho feminino e infantil, organização de ensino profissional, melhoria de condições de higiene e segurança e constituição de tribunais arbitrais, à proposta de alteração de regime de propriedade e utilização da terra, à defesa de maior rigor e limpidez na execução da política orçamental e, finalmente, à reorganização dos mecanismos de circulação monetária».<sup>90</sup>

## 10. ... e o prático

Na sua evolução, moderada e realista, no ideal socialista, segue em permanente contacto com Antero e Fontana<sup>91</sup>, «colaborando nos jornais socialistas que os amigos de Lisboa vão lançando: *Pensamento Social, Democracia e República Federal*».<sup>92</sup> Não pôde receber em Lisboa, como eles, os três espanhóis «fugidos à

---

<sup>90</sup> Cardoso, (1992), pp. 342-346.

<sup>91</sup> José Fontana, empregado e depois gerente da Livraria Bertrand, nascido em 1841 no cantão suíço de Tessins, dirigiu a Aliança da Democracia Socialista, de inspiração bakuninista, transformada depois em Fraternidade Operária, que em pouco tempo reunia 30.000 operários portugueses. A ele deve-se um grande impulso à actividade reivindicativa (greves, os 1 de Maio, etc.). Suicidou-se em 1875, após escrever a Oliveira Martins uma carta muito impressionante.

<sup>92</sup> Serrão (s.d.).

perseguição» que chegaram a Lisboa em Junho de 1871 (Mora, Morago e Anselmo Lorenzo, de tendência anarquista, inspirados por Fanelli, amigo de Bakunine) com a ideia de criar uma ramificação da Internacional, que foi fundada após uma longa reunião em casa de Antero e uma viagem de barco pelo Tejo, «sempre muito marcada pelas suas origens espanholas e proudhonianas».<sup>93</sup>

Não temos tempo e espaço para abordar a fundo as relações de Oliveira Martins com o movimento operário português, assunto tratado por diversos autores, que justificara ainda um trabalho mais longo, que compare os seus escritos e ideias com as relações mantidas com os principais organizadores da Internacional e do Partido Socialista. Em 1872, organiza-se a secção portuguesa da Associação Internacional de Trabalhadores e Antero apresenta-se às eleições como candidato socialista. Editaram, com a colaboração do Oliveira Martins, *O Pensamento Social*, e na conferência de Haia são representados pelo genro de Marx, Lafargue, que consegue o apoio para a tendência «política» de Antero, escrevendo este uma crónica favorável ao desenvolvimento do congresso. Em fins de 1873 constituiu-se, pelo menos em nome, a Federação dos Trabalhadores na Região Portuguesa, que depois se haveria chamar Partido Socialista Português<sup>94</sup>. Há cartas de Antero a Oliveira Martins, em que se fala duma «União Democrática» fundada para se opor aos republicanos portugueses, animados pela recente proclamação da república espanhola no princípio do ano. A motivação desta organização é explicada nestes termos numa carta a Oliveira Martins: «O que é necessário é criar um elemento revolucionário sério, fora do exclusivo movimento proletário, estreito, sem capacidade de converter ninguém, além de si, e assustador para a massa burguesa».<sup>95</sup>

A 29 de Outubro de 1873 Fontana escreve-lhe: «Meu caro Martins. Agradeço-te os 2 exs. que o Plantier me enviou do teu novo livro. É pena que o editor não me mandasse mais alguns p<sup>a</sup> enviar aos jornais de fora e a Engels e Carl Marx. O teu livro terá de ser forçosamente uma boa enxadada nesta ordem de coisas. Terá erros, terá, mas tem grandes verdades expostas com a maior clareza e que hão de criar prosélitos a n/ causa. Ha ideia de nas associações fazer-leitura d'alg.s capítulos m.s ao alcance de todos. O Herculano vai-te a escrever... Vens para Lisboa ou não vens? e vindo, q.ndo vens? Estou impaciente de pôr em execução o meu projecto que cada dia me parece de maior imp.<sup>a</sup> Sou teu am<sup>o</sup>.».

---

<sup>93</sup> Saraiva (1990), p. 52.

<sup>94</sup> A comissão encarregada de elaborar o seu programa era constituída por Antero, Nobre França, José Fontana, Silva Lisboa, Felizardo Lima, Caetano da Silva e Azedo Gneco.

<sup>95</sup> Saraiva (1990), pp. 56-58.



Pouco mais de um mês depois (2 de Dezembro de 1873), começam as recomendações de claro sentido político. O tom confiado e amistoso, mas também de certa autoridade sobre ele, não deixa dúvida. Assim, escreve-lhe: «Aproveito o portador deste bilhete para te enviar um abraço. O portador desta carta, meu companheiro na associação é um dos mais enérgicos dentre todos e digno da maior estima que eu espero tu lh'a dispensarás. O companheiro Alfredo vai para Sta. Eufémia trabalhar e tu farás tudo o que conveniente for para lhe fazer conhecer que está entre amigos e companh.os.» Assim ocorre, pois vinte dias depois escreve de novo Fontana (3 de Janeiro de 1874): «Desejo-te festas mui felizes e q. o teu regresso aqui seja breve. Tive notícias de ti pelo meu companheiro Alfredo que me escreveu e me pede que te agradeça os favores que lhe tens prestado; é um excelente e dedicado amigo e que te peço q.do d'ahi saires o deixes bem recomendado. Faz-me o favor de lhe dares o enviares o bilhete incluso».

A carta prossegue: «Recebi carta do Anthero em q. me diz ter passado m.to mal nestes 2 ult.os meses e atribui isso ao clima, diz-me até que a doença e a tristeza lhe vão minando o corpo e o espírito. Escreve-lhe tu dai que deixe o que puder e venha melhorar a saúde; eu lhe direi o m.mo.» E, o mais importante, comunica-lhe que «A Associação Internacional em Portugal decidiu constituir-mo-nos como partido político militante independente de todos os outros. Foi nomeada uma comissão q. se compõe de França, Fontana. Gneco, J. Caetano e Lima e aderentes já Antero, Tedeschi e tu já foste proposto, mas não houve na sessão tempo de votar porq. foi no fim da sessão, mas como és ou serás votado, já particularmente to participo, porq. estou convencido q. estando tu cá, m.to nos hás-de ajudar na elaboração do nosso programa q. já estamos discutindo mas q. levará 3 ou 4 meses até a conclusão. Logo que venhas também trataremos do negócio em q. te falei q. é d'urgência. Não tenho enviado o 1º n.º da República porq. não tenho recebido nenhum nem a obra do Anthero». E, num P.S.: «No dia 25 do corrente ha aqui um sarau socialista p.<sup>a</sup> ajudar 2 comp.os num processo que lhes promoveu a burguesia do Porto por coligação, poderemos contar com um artigo teu p.<sup>a</sup> ser lido nesse sarau?». Prova de que o enviou é que, a 13 de Fevereiro de 1874 escreve Fontana que «o trecho que se leu no Sarau fez um efeito enorme de entusiasmo, risada, bravos e palmas. No Sarau estiveram 800 pessoas».

As recomendações de Fontana seguem em carta de 20 de Janeiro de 1874: «Logo que seja possível manda-me a ordem p.<sup>a</sup> o homem ir; ele leva uma filha de 16 anos, terá préstimo se algum trabalho aí? O homem terá facilidade de arranjar um buraco em q. se acomode p.<sup>a</sup> viver e m.s a filha? Peço-te que o protejas o m.s

que poderes, e podendo q.do mandasses a ordem p<sup>a</sup> o homem ir, se lhe pudesses logo enviar ordem por 10.00 rs. p<sup>a</sup> a jornada, m.or era do q. estar alguém a desembolsa-los; mas se isso não puder ser, cá se arranjará o negócio como empréstimo, já se vê...».

E ainda a 13 de Fevereiro de 1874, pouco antes do regresso de Oliveira Martins, escreve-lhe: «Recom.es do Antero, escreveu-me e mandou-me trabalhos muito import.es sobre o programa q. est.mos elaborando. Peço-te que faças toda a diligencia p<sup>a</sup>. ai obteres um lugar p<sup>a</sup> um oficial de serralheiro, bom off.al de 800 a 1.000 r., muito bom rapaz, activíssimo, e de q. me responsabilizo; e cujo nome é José Francisco».

## 11. O regresso

Por fim, chega a hora do regresso a Portugal, convidado pelo já conhecido engenheiro Henrique Ellicott, seu amigo, e pelo também engenheiro barão Frederico Kessler<sup>96</sup> para trabalhar como técnico e depois como director da exploração do caminho-de-ferro do Porto à Póvoa do Varzim e Vila Nova de Famalicão<sup>97</sup>.

Assim «Oliveira Martins prepara-se para abandonar a mina que dirigia, o que pratica no mês de Março ou Abril. A sua retirada de Espanha foi coisa de ver. Dos pontos mais distantes, à hora da partida de Oliveira Martins, dos lugares mais recônditos da serra, acorriam em grupos os mineiros e as famílias, em direcção à estrada, a incorporaram-se no cortejo que se formou e, consternadamente, acompanhou o jovem casalinho até a estação de Almaden, onde Oliveira Martins se fez de jornada para Portugal».<sup>98</sup> O que deve chamar-nos especialmente a atenção, pois a tensão social devia ser grande, pelo que sabemos sobre as próximas minas de Almadén.<sup>99</sup> O acontecimento é muito significativo e parece aludir aos seus desve-

---

<sup>96</sup> Frederico Luis Atanásio Hermano Kessler (Lisboa, 1843-1895), engenheiro civil pela escola de Artes e Manufacturas de Paris, e 2.º barão de Kessler, filho do médico alemão de el-Rei Fernando II, foi, juntamente com o arquitecto Baron de Eschwege, o autor do projecto do palácio da Pena em Sintra.

<sup>97</sup> De 1874 é a cedência da concessão da linha Porto a Póvoa a J. Pereira Duarte, Miguel Dantas e Gonçalves Pereira Thomas. Pinheiro (1988), t. I, pp. 430-431.

<sup>98</sup> Oliveira (1960), p. 56.

<sup>99</sup> Os engenheiros de Almadén, José Monasterio e Isidro Bucela, seriam pouco depois assassinados em 8 de Julho de 1874 por «una turba de obreros». Ver Hernández Sobrino (1995); Menéndez Navarro (1996); Soto Carmona (1988).

los com as escolas em que dava aulas e ao seu cuidado pelas condições de trabalho dos mineiros e trabalhadores em geral. Também Oliveira Martins jamais esqueceria esses anos em Espanha. Assim o testemunham as suas relações e a sua obra posterior, cujo tratamento não é possível aqui elaborar.

É muito possível que o regresso se acelerasse devido ao apelo de Antero («Não sei se já está no Porto», diz-lhe em Março de 1874), que lhe confia: «estou realmente bastante doente».<sup>100</sup> «Sem demora Oliveira Martins partiu para São Miguel e durante alguns dias aqui o animou e confortou com os desvelos da sua amizade».<sup>101</sup> A viagem foi em Abril e princípios de Maio: a 26 de Maio responde Antero a uma carta em que Oliveira Martins lhe diz que «não foi estéril» a sua viagem a S. Miguel e que «moralmente aproveitou com a sua estada e com as conversas e discussões que tivemos», e diz-lhe: «A mim, ainda que por modo diferente, também o seu convívio me fez muito e muito bem... V é para mim essa razão, a razão... como direi? a boa razão, numa palavra, positiva, real, justa».<sup>102</sup>

---

## Referências

- Abreu, Bricio de (1940), *Novas cartas inéditas de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, Alba.
- Amaral, Manuel, *Portugal – Dicionário Histórico, Coreográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Volume VII, p. 242 da edição em papel por João Romano Torres Editor, Edição electrónica 2000-2003
- Anes Álvarez, Rafael (1970), «Las inversiones extranjeras en España de 1855 a 1880», in: P. Schwarz, (coord.), *Ensayos sobre la economía española a mediados del siglo XIX*, Madrid, Banco de España, pp. 187-202.
- Ayalla, Frederico Diniz d' (1897), *Os ideais de Oliveira Martins*, Lisboa, José Bastos.
- Barreto, António e Maria Filomena Mónica, dir. (1999), *Dicionário de História de Portugal - Suplemento*, 3 vols., Porto, Figueirinhas.
- Bosque, Joaquín (1960) *Geografía económica de España*, Barcelona, Teide, 5.ª ed.
- Braga, Teófilo (1903), *Quarenta anos de vida literária (1860-1900)*, pp. 76-86.
- Bueno, A.; G. García e F. J. Palero (2002), «Santa Eufemia. As 'Minas Viejas'», *Bocamina*, n.º 9, pp. 12-35.
- Cardoso, J. L. (1992), «O pensamento económico de Oliveira Martins», in: J. L. Cardoso e A. Almodóvar (coords.) *Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico*, Lisboa, CISEP, pp. 342-346.
- Carneiro, José Bruno (1948), *Antero de Quental. Subsídios para a sua biografia*, Lisboa, t.I.

---

<sup>100</sup> Mais explicitamente: «Não havia dúvida, Antero estava à beira do suicídio!... Oliveira Martins, que já valera ao Antero em situação quase semelhante, medindo toda a grandeza do desastre, parte para São Miguel. Vai tentar arrancar o amigo, daquela posição crítica, se ainda chegar a tempo». Martins (1960), p. 58.

<sup>101</sup> Carneiro (1948), p. 361.

<sup>102</sup> No tomo I de Quental (1989).

- Carreras, Albert, (2000), «Industria», in: A. Carreras e X. Tafunell (coords.), *Estadísticas históricas de España, Siglos XIX-XX*, vol. I, Madrid, Fundación BBVA.
- Chastagnaret, Gérard (2000), *L'Espagne, puissance minière dans l'Europe du XIX<sup>e</sup> siècle*, Madrid, Casa de Velásquez.
- Delgado, Nery (1905), «Elogio histórico do General Carlos Ribeiro», *Revista de Obras Publicas e Minas*, 36, pp. 1-51.
- Dobado, Rafael (1984), «Actitudes intelectuales frente a las condiciones de trabajo en las minas de Almadén, 1760-1860», *Revista de Historia Económica*, II, n.º 2 pp. 59-89.
- Dória, Álvaro (1981), «Oliveira Martins, O Homem», *Boletim de Trabalhos Históricos*, XXXI, Braga.
- Ferreira, A. Brum; J. Gaspar e C.A. Medeiros (1986), «Notas em torno do desenvolvimento da Geografia em Portugal», *Anales de Geografía de la Universidad Complutense*, Madrid, Univ. Complutense.
- Figueiredo, Fidelino de (1930), *História de um «vencido da vida»*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira.
- García-Casco, A. e E. Pascual (1987), «El plutón de Santa Eufemia (batolito de los Pedroches, Córdoba, España): un granitoide epizonal de tipo S», *Geogaceta* 2, 56-59.
- García-Casco, A.; E. Pascual e A. Castro (1987), «La asociación magmática del batolito de los Pedroches: ensayo de caracterización», *Geogaceta* 2, 59-61.
- Garrido González, Luis (2001), *Historia de la minería andaluza*, Andalucía, Sarriá.
- González Blasco, P., J. Jiménez Blanco e J. M. López Piñero (1979), *Historia y sociología de la ciencia en España*, Madrid, Alianza Ed.
- González Llana, Emilio (1949), *El plomo en España*, Madrid, Dirección General de Minas y Combustibles.
- Guimarães, Paulo (1999), «As minas portuguesas do Antigo Regime ao Liberalismo», *Arqueologia & Indústria*, 2/3, pp. 53-80
- Guimarães, Paulo (2001), *Indústria e Conflito no Meio Rural: os mineiros alentejanos (1858-1938)*, Évora, Cidehus/Colibri,
- Guimarães, Paulo (2002), «Comunidad, clase y cultura en los trabajadores mineros del Sur de Portugal», *Politica y Sociedad*, vol. 39, n.º. 2, Madrid, pp. 457-479.
- Guimarães, Paulo (2005), «Recrutamento, mobilidade e demografia na mina de São Domingos, Alentejo (1860-1900)», *Revista de Demografia Historica*, XXIII, 1, pp.21-70.
- Hernández Sobrino, Ángel Manuel (1995), *Las minas de Almadén*, Madrid, Minas de Almadén y Arrayanes.
- Hernando Luna, Rafael (1989), *Aportación al estudio de la minería cordobesa. Explotaciones de plomo/plata, cinc y cobre (1850-1929)*, tese de doutoramento, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba.
- Lains, Pedro e Álvaro Ferreira da Silva, org. (2005), *História Económica de Portugal*, vol. II, Lisboa, ICS.
- Machado, A.M., org. e dir. (1996), *Dicionário da Literatura portuguesa*, Lisboa, Presença.
- Magalhães, Joaquim Vieira de, coord. (2000), Recursos e valores naturais a salvaguardar no Vale de Sousa, Lisboa.
- Marinho, Maria José (1995), *Espólio de Oliveira Martins. Inventário*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Martínez González-Tablas, Ángel (1979), *Capitalismo extranjero en España*, Madrid, Cupsa.
- Martins, Francisco d'Assis de Oliveira (1925), *A Edad Media...*, Lisboa.
- Martins, Francisco d'Assis de Oliveira, org. (1926), *Correspondência*, de J. P. de Oliveira Martins, prefaciada e anotada por F.-A. de Oliveira Martins, Lisboa, Parceria António Maria Pereira.

- Martins, Francisco d'Assis de Oliveira (s.d.), «Amigos e correspondentes de Alexandre Herculano», in: *Alexandre Herculano à luz do nosso tempo*, Lisboa, Academia Portuguesa da História.
- Martins, F. d'Assis de Oliveira (1960), *Oliveira Martins e os seus contemporâneos*, Lisboa, Guimarães.
- Martins, Guilherme de Oliveira (1986), *Oliveira Martins. Uma Biografia*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Martins, J.P. d'Oliveira (1970), *Alexandre Herculano*, introdução e notas de Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte.
- Martins, Guilherme de Oliveira (1999), *Oliveira Martins: um combate de ideias*, Lisboa, Gradiva.
- Maurício, Carlos (1995), «Cronologia», in: Marinho, Maria José, *Espólio de Oliveira Martins. Inventário*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Medina, João (1984), *As Conferências do Casino e o socialismo em Portugal*, Lisboa, D. Quixote.
- Mendes, Manuel (1947), *Oliveira Martins. O homem e a vida*, Lisboa, Seara Nova.
- Menéndez Navarro, Alfredo (1996), *Un mundo sin sol: la salud de los trabajadores de las minas de Almadén, 1750-1900*, U. de Granada.
- Nadal, Jordi (1975), *El fracaso de la Revolución industrial en España, 1814-1913*, Barcelona, Ariel.
- Nadal, Jordi e outros (2003), «El plomo, en cabeza de los metales no férreos», in: *Atlas de la industrialización de España, 1750-2000*, Barcelona, Crítica/Fund. BBVA, pp.108-111
- Novo, Pedro e M. Ortega Gasset (1950), «La minería española», in: Fernández de Bobadilla, José e outros, *Breve historia de la ingeniería española*, Madrid, Dossat, 2.<sup>a</sup> edição, pp.127-154.
- Nunes, João Paulo Avelãs (2001-2002), «A indústria mineira em Portugal continental desde a consolidação do regime liberal ao I Plano de Fomento do Estado Novo (1832-1953). Um esboço de caracterização», *Revista Portuguesa de História*, t. XXXV, Coimbra, pp. 421-464.
- Oliveira, Lopes de (1948), «Introdução», in: J. P. Oliveira Martins, *Páginas Desconhecidas*, Lisboa, Seara Nova.
- Pinheiro, Magda (1988), *Chemins de fer, structure financière de l'Etat et Dependence exterieure au Portugal (1850-1890)*, Tese de doutoramento, Université de Paris I, 2 tomos.
- Pires, Lídia M.<sup>a</sup> Cardoso (1997), *A construção da Memória - Sobre a História e as Histórias com Oliveira Martins*, Tese de mestrado, Fac. de Letras, Universidade do Porto.
- Quental, Antero de (1989), *Cartas*, org. introd. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Comunicação.
- Ramos, Fernando Soares (1976), «O Vouga e o -Vale do Vouga», *Aveiro e o seu Distrito*, n.º 21, pp. 45-50.
- Santos, J. L. Guimarães dos (1948), «Principaux gisements de minerais de plomb et de zinc du Portugal», *Estudos, Notas e Trabalhos*, Serviço de Fomento Mineiro, IV, 1, pp. 1-13.
- Saraiva, A. José (1990), *A Tertúlia ocidental*, Lisboa, Gradiva.
- Sardá, J. (1948), *La política monetaria y las fluctuaciones de la economía española en el siglo XIX*, Madrid, CSIC.
- Serrão, Joel, dir. (s.d.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Porto, Figueirinhas.
- Silva, Augusto Santos (1979), *Oliveira Martins e o Socialismo*, Braga.
- Soto Carmona, Alvaro (1988), *Las minas de Almadén a principios del siglo XX: una «condición obrera» específica*.